



A PRESENÇA DA MORTE NAS CARTILHAS E LIVROS DE LEITURA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL ATÉ A DÉCADA DE 1950

Thaise Barbosa Rodrigues (thaisebarbosa2009@gmail.com)

Kênia Hilda Moreira (keniamoreira@ufgd.edu.br)

Objetivamos investigar e identificar as ocorrências do tema morte nas cartilhas de alfabetização e nos livros de leitura utilizados até a primeira metade do século XX no Brasil e questionamos: crianças eram preparadas para a morte como eram para a vida? Quais eram os tipos de morte que ocorriam? O que era esperado das crianças? As obras didáticas que compõem nossas fontes foram localizadas no site da Biblioteca Nacional de Maestros da Argentina, são 38 livros de leitura, mas disponível para análise completa apenas 14, sendo 12 em formato PDF e 2 on-line no site, livros desde “primeiro livro de leitura” até o “quinto livro de leitura” dos anos de 1909, 1910, 1911 e 1918. Conforme as leituras e observando que a morte se encontrava nas entrelinhas, ora camuflada, ora explícitas em palavras que podem ser consideradas sinônimos, tais como “caixão”, “enfermidade”, “doença”, “vulnerabilidade” e “óbito”, apresentamos nossas análises a partir da criação de três formas de exposição da morte nos livros de leitura: primeiro “a morte como sacrifício pela pátria” apresentada como necessária e “aceita” para a guerra/batalha. Essa morte se torna uma festa, um culto e segundo Ariès (2017) é uma das formas de expressões do patriotismo; o segundo “a morte por velhice” é uma morte esperada e próxima, em que nas escritas dos livros demonstram crianças desesperadas por não quererem a morte de quem amam, não desejar a velhice. Como relata Freud (2011) as pessoas querem afastar tudo aquilo que lhes provoca sofrimento e por isso entram em um mundo da imaginação. Elias (2001) também destaca que a sociedade tem a tendência de ocultar a finitude especialmente das crianças; em terceiro “a morte e a ciência” está associada ao movimento higienista da época buscando romper com as superstições, crenças e religiões, visando uma sociedade mais civilizada com a República. A morte causou um medo imperceptível nas três formas, medo da morte de quem enfrentava a batalha/guerra e voltava para contar a história, a recusa do luto quando se trata do medo das crianças lidando com a velhice e com o avanço da ciência nas descobertas de curas para algumas doenças a morte era adiada e para que as pessoas se cuidassem, a morte era usada como argumento para se cumprir regras.

Agradecemos ao CNPq pelo apoio para o acontecimento desta pesquisa.